

390				
			1238	

Mundo globalizado chega à aldeia

Televisão e telefone celular passaram a fazer parte do cotidiano indígena.

Mauri König
Fotos: Nilton Rolin

Foz do Iguaçu (Sucursal)
– A reserva indígena de Santa Rosa do Ocoí está longe de assemelhar-se à aldeia global descrita ainda na década de 60 pelo teórico canadense Marshal McLuhan. Entretanto, dois dos mais avançados meios de comunicação da era moderna já chegaram a essa pequena aldeia de 468 índios avá-guaranis, aproximando-a do mundo globalizado. Os costumes da tribo corromperam-se ao longo dos anos por causa do contato com a civilização branca.

Os colóquios que antes discutiam os problemas e os destinos da taba foram aos poucos cedendo lugar às reuniões em frente da televisão. Inicialmente furtivos, esses encontros passaram a ser mais frequentes, até tornar-se um hábito para muitos desses indígenas. O telefone celular, quem diria, tornou-se um artigo de extrema necessidade para essa tribo localizada a 20 quilômetros de São Miguel do Iguaçu e a 60 de Foz do Iguaçu (ver matéria nesta página).

O índio Adilson Laurindo, de 27 anos, é um dos três afortunados da aldeia que possui um aparelho de tevê tocado a bateria – a energia elétrica ainda não chegou. Casado e pai de dois filhos, Adilson vê sua tapera tornar-se ponto de encontro dos amigos em dias de partidas decisivas de futebol. Ele, particularmente, só liga o aparelho em dias de jogos e para assistir aos telejornais. “É bom ficar sabendo o que acontece”, diz.

Em dias de decisão de campeonato a casa de Adilson torna-se pequena para tanta gente. Nessas ocasiões, ele coloca o aparelho preto e branco de 14 polegadas no lado de fora e a terra batida do quintal torna-se arquibancada. Ali, reúnem-se palmeirenses, vascaínos, gremistas, atleticanos. A grande decepção dessa torcida eclética ocorreu na decisão da Taça Libertadores da América, quando a carga da bateria acabou durante a partida entre Palmeiras e Boca Juniors.

A paixão pelo futebol é a mais evidente prova da corrupção dos costumes desses remanescentes de uma tribo que já dominou toda a região até a chegada do homem branco. Adilson torce para o Atlético Paranaense – porque é do Paraná, diz – e a mulher dele, Francisca, é palmeirense. Juntos, torceram para o São Caetano



□ Aos poucos, os índios avá-guaranis trocam os colóquios no centro da taba por reuniões em frente da televisão.

na disputa com o Vasco pela Copa João Havelange.

A torcida pelo time paulista – do qual nunca tinham ouvido falar antes – aconteceu em frente da pequena tevê de Adilson, ao lado de muitos outros torcedores de ocasião. Esse tipo de comportamento era impensado até dois anos atrás, quando o índio incorporou a televisão à aldeia. Agora, a disputa de partidas de futebol aos domingos já faz parte dos novos costumes da tribo. Antes guerreiros, hoje os índios tornaram-se centro-avantes, laterais e zagueiros.

Dependência

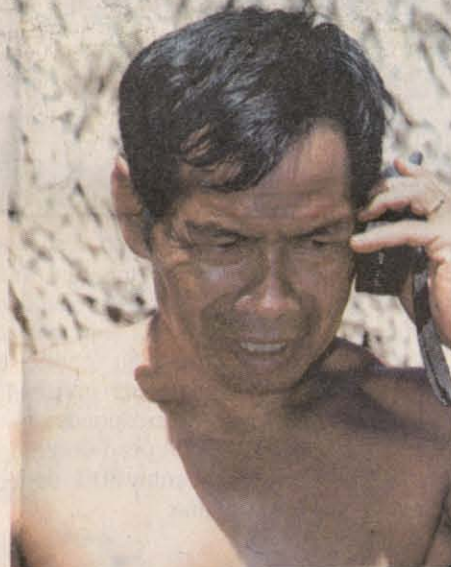
Confinados em uma área de 231 hectares na área rural de São Miguel do Iguaçu, a tribo avá-guarani de Santa Rosa do Ocoí já não sobrevive por conta própria. O ultraje não resume-se à perda da identidade indígena, mas estende-se sobretudo à dependência da comunidade ao homem branco, que vai desde o tratamento dos doentes ao cultivo da terra para a subsistência.

Antes livres das convenções e delimitações territoriais, os avá-guaranis habitavam toda a região que hoje compreende o Oeste do Paraná e o Leste do Paraguai. Desde a formação do reservatório da usina de Itaipu e o assentamento na reserva de Ocoí, há 18 anos, muitos índios que moravam no país vizinho cruzaram o Rio Paraná para viver na aldeia.

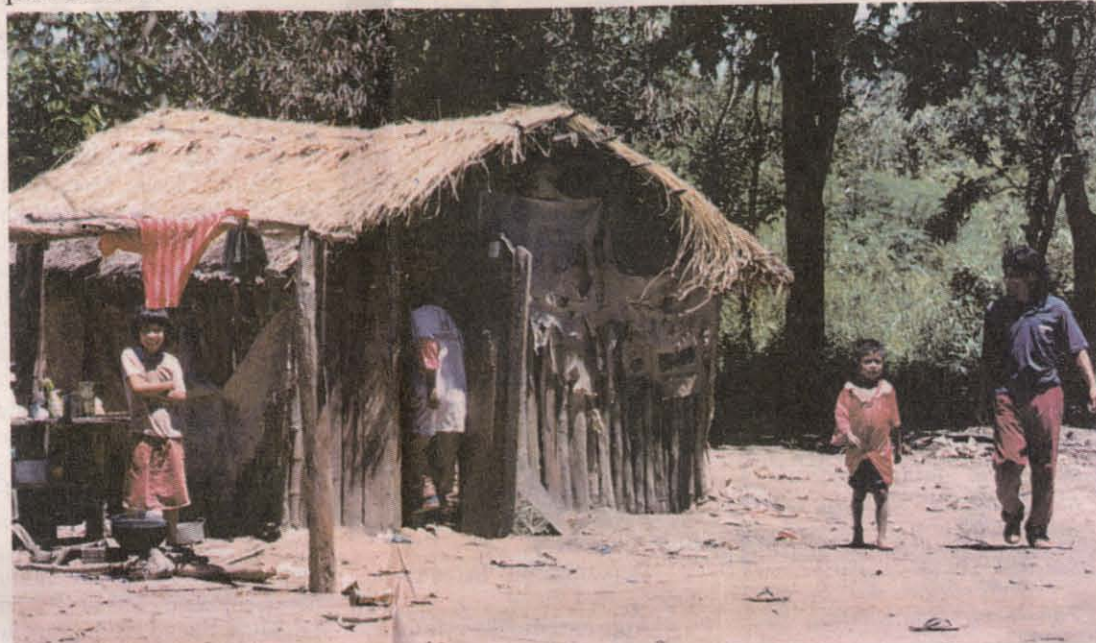
A comunidade subiu de pouco mais de 20 famílias em 1982 para 103 atualmente, que vivem em 97 casas de pau-a-pi-

que. As habitações são tão precárias que mal conseguem protegê-los das intempéries. Elas estão localizadas ao longo das margens de duas estradinhas de terra que dão acesso à escola onde estudam 113 indiozinhos e ao único poço artesiano que abastece toda a aldeia.

Para sobreviver, os avá-guaranis da reserva de Ocoí cultivam lavouras de milho, mandioca, feijão, arroz, batata, amendoim, entre outras. Muitos deles ainda têm de trabalhar como bóias-frias nas lavouras da região para garantir a subsistência da aldeia, comprando açúcar, farinha e outros produtos que não produzem. O transporte até esses locais é feito em paus-de-arara.



□ O cacique José Duarte de Souza fala ao celular, símbolo da modernidade que ajuda a salvar vidas na aldeia.



□ Casas de pau-a-pique não protegem os índios das intempéries, que resultam nas doenças levadas à aldeia pelo homem branco.

Com celular, muitas vidas são salvas

Ao telefone celular, o cacique José Duarte de Souza alerta a Funai e a Fundação Nacional de Saúde (FNS) sobre os perigos enfrentados pela sua pequena tribo. Os inimigos agora já não são os mesmos de antigamente, quando os avá-guaranis viviam livres pelo extremo-Oeste brasileiro e extremo-Leste paraguaio. O inimigo de agora são as doenças do homem branco: no inverno, a gripe agravada pela falta de anticorpos; no verão, os mosquitos transmissores de malária e outras moléstias.

O telefone celular cedido pela Fundação Nacional do Índio (Funai) tornou-se um artigo de grande necessidade para a tribo diante da exposição a tantas enfermidades antes desconhecidas pelos indígenas. É por meio da telefonia móvel que o cacique avisa os médicos e enfermeiras do Projeto Rondon – mantido pela FNS – sobre as enfermidades que se abatem sobre a aldeia, como ocorreu com oito índios que foram acometidos de malária nas últimas duas semanas.

Cinco crianças e três adultos ainda se convalescem da doença, tratados por médicos e enfermeiras que visitam a tribo todos os dias – até o final de janeiro deve ser inaugurado o ambulatório que está sendo construído no interior da reserva. A malária pode ter sido trazida por parentes indígenas que viviam do outro lado da fronteira, no Paraguai. Muitos familiares se reencontraram depois de longos anos afastados e decidiram se estabelecer na área demarcada no Brasil, aquietando o espírito nômade.

O maior perigo agora são os poços d'água abertos em 1982, com a formação do reservatório da usina de Itaipu e a delimitação da reserva em Santa Rosa do Ocoí, em São Miguel do Iguaçu. Essas cisternas tornaram-se locais propícios para a proliferação do mosquito *Anofelis darling*, transmissor da doença. As torneiras instaladas há três anos pelo escritório da Sanepar em Cascavel e pela Prefeitura de São Miguel agravam o problema, pois vazam e formam poças d'água.

O cacique José Duarte de Souza acredita que as condições desses poços e torneiras possam favorecer cada vez mais a proliferação da grande quantidade de pernilongos e mosquitos que existe na região. Júlio Benega, de 8 anos, é uma das cinco vítimas desses mosquitos. Picado pelo *Anofelis* há duas semanas, ele ainda se convalesce da malária contraída. Os outros quatro também já se recuperaram bem.



□ Banho de rio já não é mais possível para os indiozinhos. O jeito, portanto, é improvisar com a mangueira.



□ A escola da reserva de Ocoí atendeu 113 crianças em 1999, alfabetizadas por três professoras brancas e um intérprete indígena.